

Esteve no Ultramar como capelão, disse um dia que teve vergonha de ser capelão militar na guerra do Ultramar. Porquê? É a pior mancha de toda a minha vida, quando enfiado numa farda como os pobres soldados a quem deram uma G3 para matar gente como nós, descobri que os africanos eram cristãos católicos. Só em Cabo Delgado, batizei no mesmo dia 32 macondes. Córrego de vergonha e remorso, ao pensar que também ajudei, indirectamente, a assassinar irmãos na fé. Vejo-me igual aos bárbaros da Igreja Ortodoxa Cristã de Moscovo apoiando Putin na matança de irmãos ucranianos. Devia ter desertado.

Regressa à Madeira e é nomeado para a Ribeira Seca. Como era esta localidade nessa altura? O que mais o impressionou? Ribeira Seca, outra terra situada na ultraperiferia do Arquipélago. Às vezes chego a pensar que nasci para habitar a periferia da vida, do mundo e das pessoas.

Vim para uma 'segunda África', porque marcada pela escravidão com que os poderes públicos, os senhorios, as classes dominantes massacraram gerações inteiras durante séculos: sem estrada, água potável (bebiam água da levada) e luz eléctrica, escassez de trabalho remunerado e a pobreza patente nas casas de colmo e na alimentação. Emprestámos o pequeno salão da igreja para servir de escola condigna. Hoje canto com eles: Povo da Ribeira Seca! Gente firme e verdadeira/ De lutar pela Verdade/Não se cansa a vida inteira.

O Regime da Colonia foi uma forma de 'escravatura' na Madeira? Contrato "leonino contrato" – alguém lhe chamou - o leão que devorava gente 'em carne viva', pais, filhos, netos, bisnetos. Honra-me constatar que a Ribeira Seca esteve na vanguarda da luta pela abolição da colonia.

O que aconteceu para o Bispo Francisco Santana pedir as chaves da igreja da Ribeira Seca? Perguntei-lhe o porquê de exigir-me as chaves da igreja. Respondeu-me: "Porque estás inscrito no Partido Comunista Português", ao que atalhei: "Ó sr. Bispo, o senhor conhece-me bem. Trabalhei consigo em Lisboa no 'Stela Maris', quando fui nomeado pelo Papa Paulo VI, e vem-me agora com essa?". E ele: "Estás, sim, e até sei o teu número". Contive-me, esbocei um certo sorriso e respondi: "Então, o senhor bispo sabe mais que o Álvaro Cunhal. Ele não sabe o meu número, pela simples razão de que não estou inscrito".

É verdade que o Bispo Francisco Santana tinha uma ligação estreita com o regime de Salazar? Absolutamente. Falo do que ouvi da sua própria boca nas muitas viagens que fiz no seu 'Peugeot' branco a todas as sedes do 'Stela Maris' de Portugal: "Martins, fica a saber que eu trato por tu os ministros de Salazar e Cae-tano". Noutra altura, na sede nacional, apresentou-me a vários membros da chamada 'Legião de Maria' e foi o Padre Santana que destacou

um deles: "Padre Martins, este senhor é o (...) primo do nosso Presidente da República". Na Madeira, já bispo, entregou a direcção do Jornal da Madeira' (da Diocese) a um colunista da 'Voz da Madeira' (órgão da 'União Nacional', de Salazar).

A que se deveu a dita suspensão a divinis? Uma história longa, sempre sonegada, escondida pela comunicação social regional. Resumindo:

Dia de Crismas na igreja matriz, Machico, Julho de 1977. O bispo Santana recusou a minha intenção de concelebrar, o que ele tinha admitido, dois anos antes, era eu presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Machico. "Também não te aceito como padrinho desse rapaz". Pronto, OK.. E logo de rajada: "Tens que sair já da igreja. Não começo os Crismas sem saíres daqui, tens cinco minutos, senão amanhã suspendo-te". Saí, sim, da sacristia para a igreja apinhada de gente. A multidão agitava-se, exigia que "o bispo se despache", mas o bispo ataca o repórter fotográfico do DN/Funchal, rouba-lhe agressivamente a máquina. Brigam os dois. Conclusão: pela teima do bispo, ficaram mais de 60 jovens privados do Crisma. Há outros 'preciosos' episódios desta novela. No dia seguinte, a comunicação social relata: "Padre Martins suspenso A Divinis, por decisão do Senhor D. Francisco Santana".

Informo a população e para desfazer equívocos: na altura, não exercia qualquer cargo político, nem presidente, nem deputado (já tinha renunciado), nem candidato.

Por que aguentou esta dita "guerilha" tanto tempo? Não fui eu que a fiz. Fizeram-me, a mim! Como tal, continuei o meu percurso humano, sacerdotal e pastoral. Aguentei tudo, por três motivos: 1º.: a suspensão não tinha qualquer fundamento jurídico-canónico e não foi objecto do imprescindível processo no tribunal eclesiástico. 2º.: os paroquianos da Ribeira Seca pediram-me que continuasse. 3º.: segui o mesmo parecer que, há 20 séculos, o juiz Gamaliel proferiu no Sinédrio sobre a perseguição aos apóstolos: "Se a ação deles não vem de Deus, vai extinguir-se por si. Mas se vem de Deus, ninguém poderá destruir". E conclui: "A guerra que nos estão a fazer não tem a chancela de Deus".

Como recebeu a classificação de "traidor" pelo bispo Francisco Santana? Como um auto-retrato de quem a proferiu, auto-fagia de um traidor (sem aspas) à mensagem de Jesus e aos ideais da Liberdade e da Alegria do "25 de Abril".

A PIDE esteve muitas vezes na Ribeira Seca? Algumas. Nas nossas festas, uns sujeitos engravatados vinham ouvir (fiscalizar) os versos que os jovens da Ribeira Seca cantavam e dançavam nos seus barracões.

Em 1985 com o Bispo Teodoro Faria, sabemos que foram 70 polícias durante 18 dias e 18 noites a ocupar a igreja da Ribeira Seca, como encarou essa situa-



ÀS VEZES CHEGO A PENSAR QUE NASCI PARA HABITAR A PERIFERIA DA VIDA, DO MUNDO E DAS PESSOAS"

O EPISCOPADO MADEIRENSE DURANTE MAIS DE 4 DÉCADAS ENXOVALHOU-SE A SI MESMO NUMA SUBMISSÃO SUPER- -CANINA A UM PODER POLÍTICO DE TRISTE MEMÓRIA"

ção? Foi a concretização fidelíssima ao discurso do presidente do governo regional que, tempos antes, tinha anunciado na Assembleia Legislativa Regional, à minha vista: "Se a autoridade diocesana solicitar a colaboração do meu governo sobre aquele campanário, não hesitarei". O mais grave é que não tinham mandado judicial para o efeito. No final, venceu o Povo da Ribeira Seca.

Na vida como padre não se limitou às celebrações dos sacramentos. Porquê? O ser humano é corpo e espírito. Os dois só entram nos trilhos da verdadeira felicidade se caminharem em perfeita e dinâmica justaposição. E o padre, como pedagogo e construtor da personalidade humana, tem de estar atento às duas realidades. Como Jesus de Nazaré. Como Teilhard de Chardin.

Onde é que estava no 25 de Abril? No aeroporto, com destino a Lisboa. Ficámos atónitos com o cancelamento do voo, "devido a um golpe de Estado", informaram.

De onde lhe advém esse espírito reivindicativo? Talvez da genética, da condição de pertencer à classe proletária (meu pai era pescador), a qual nunca abandonei. Os profetas do Antigo Testamento, o exemplo frontal de Jesus e, mais recentemente, o apelo e o testemunho do corajoso Povo da Ribeira Seca completaram esta minha vocação inalienável.

Candidatou-se a eleições para assumir cargos políticos, como independente afecto a dois partidos políticos. Porquê? Fui sempre independente, nunca precisei de partido para lutar. E o ingresso no Parlamento, como deputado, constituiu apenas uma ferramenta legal para não me cortarem a palavra e a ação. O que me moveu, em qualquer caso, foi sempre debelar a ditadura da auto-cognominada Madeira Nova, disfarçada de autonomia muscularada.

O que é o poder religioso e político para si? Em boa consciência, os dois poderes deveriam ser as duas alavancas imprescindíveis para dar segurança e perspectiva aos povos que administraram, cada qual na sua esfera jurisdicional. O maior, porém, será o poder religioso, não como 'ius utendi et abutendi' (direito de usar e abusar) mas precisamente o contrário, o poder-dever de educar, a partir de dentro, o homem-em-situação, a sociedade, em ordem a uma felicidade comunitária de direitos e deveres. "Na grande marcha da história, o Santo é que vai na frente", disse Antero de Quental. Utópico? Talvez, porque estamos fartos de ver a religião ensanduichada, enlameada, subjugada aos magnatas políticos...

Não foi um carreirista, não andou à busca de títulos e cargos honoríficos. Como se considerou ao longo deste longo tempo suspenso 'a divinis' e hoje, digamos, reabilitado, como se considera no "espaço" hierarquia religiosa da Madeira? Pouco, ou mesmo nada, mudou em mim e na relação com aque-

les que acreditavam no meu percurso, na minha mundividência e na minha espiritualidade. Nunca me afastei da visão de Jesus da Galileia nem da sua verdadeira Igreja que é o Povo. Confesso que, durante estes 60 anos de sacerdócio, aprendi um caminho novo: Quanto mais longe desta hierarquia mais perto estou de Jesus. Mas isto são contas de outro rosário que vale a pena interiorizar para agir em conformidade.

Agora com alguma distância, como é que encarou a revogação da sua suspensão 'a divinis' pelo Bispo Nuno Brás, o actual bispo do Funchal? Foi o limpar da face do episcopado madeirense que, durante mais de quatro décadas, enxovalhou-se a si mesmo numa submissão super-canina a um poder político de triste memória. Um dia, tudo será contado e o futuro fará justiça.

Esta atitude do Bispo Nuno Brás foi acto de coragem? Foi. Embora, como já manifestei pessoalmente ao senhor bispo, eu preferisse ser julgado, afim de que o mundo pudesse saber que crime foi o meu para ser suspenso. Aceitei também essa variante pia de 'amnistia', com vista à pacificação entre madeirenses. E o mais que ainda faltava dizer...

Que pretende dizer quando diz que serviu o povo de Deus, mas não a instituição, refere-se à hierarquia? É uma evidência: a Instituição-Fábrica-Igreja despediu-me e dispensou os meus serviços. Mas continuei a servir. A quem? Ao Povo.

O que acha do Papa Francisco e qual a sua opinião quanto ao que ele pretende para Igreja universal? Ele é a "reincarnação" de Jesus de Nazaré no mundo contemporâneo. Com ele a Igreja converter-se-ia ao Evangelho, voltaria à fonte originária do seu Fundador. Mas, ao mesmo tempo, o Papa Francisco é o elo mais fraco. Não pode abrir o Livro de toda a Verdade, porque nesse dia 'cairiam o Carmo e a Trindade'. Essa tarefa é nossa, a dos cristãos de base.

Quem são os detractores do Papa Francisco? Os cardinais que estão à sua beira e aos quais Francisco Papa já classificou de "abutres do Vaticano". É um caso muito sério, a ponderar pelos cristãos.

Como entende a religião e para que serve hoje ser religioso? É o melhor e também o pior que o ser humano pode alcançar. Outro assunto enorme, pano para muitas mangas! Apraz-me citar o antigo bispo de Viseu, Alves Martins: "A Religião deve ser como o sal na comida, nem de mais nem de menos". Ser religioso é ser franco, desinibido, feliz e fazer os outros felizes. Como Jesus de Nazaré. Toda a religião que mete medo é falsa e doente.

E agora o que vai fazer? Continuar a conhecer Jesus de Nazaré, que é o que mais importa, e motorizar por escrito a situação da igreja na Madeira, particularmente a história do episcopado madeirense pós 25 Abril de 1974.